

# 1 Introdução

A retomada do crescimento econômico do Brasil com a implementação do Plano Real em 1994 ([www.fazenda.gov.br](http://www.fazenda.gov.br)) e o aumento de suas relações com outros países do mundo desde então têm contribuído para elevar a importância da língua portuguesa no cenário mundial. A expansão do mercado de fusões e aquisições de empresas no Brasil nos últimos anos e os prognósticos econômicos para o país até 2015 ([www.pwc.com.br](http://www.pwc.com.br)), por exemplo, atraem cada vez mais estrangeiros que necessitam se comunicar em português. O interesse estrangeiro por nossa cultura também desperta em muitos o desejo de aprender nossa língua. Entretanto, os estudos acadêmicos sobre língua portuguesa ainda não dispensam a merecida atenção a seu uso como segunda língua, fazendo-se necessária uma mudança de postura em relação a esta abordagem.

Para descrevermos a língua portuguesa sob este aspecto, precisamos estranhá-la, ou seja, mudar o foco. Muito do que parece óbvio para um falante nativo do português pode ser penoso para um estrangeiro aprender, motivo pelo qual torna-se essencial intensa pesquisa para uma descrição relevante, pautada na realidade, do português brasileiro.

Um dos aspectos indiscutivelmente relevantes para o ensino do português como segunda língua para estrangeiros (PL2-E)<sup>1</sup> é a multiplicidade das formas e dos pronomes de tratamento. Em relação à segunda pessoa, considerando como tal apenas aquela a quem se fala ou escreve<sup>2</sup>, o português apresenta um sistema de tratamento bem mais complexo que o sistema dicotômico formal/informal característico de várias línguas, como o francês, ou o sistema da língua inglesa, ainda mais simplificado por apresentar uma única forma, o *you*. *Você, o senhor, a senhora, a senhorita, tu*, e as formalíssimas formas de reverência *Vossa Magnificência, Vossa Eminência, Vossa Santidade, Vossa Excelência, Vossa Alteza*, entre outras, além de formas de tratamento tais como *o doutor, a doutora e o amigo*, são alguns exemplos que evidenciam essa complexidade.

---

<sup>1</sup> Nomenclatura proposta por Meyer (2004) e utilizada nos cursos de pós-graduação da PUC-Rio, instituição a que a referida autora está vinculada.

<sup>2</sup> Pode-se utilizar a segunda pessoa em referência ao próprio falante, mesmo na presença do ouvinte: “Chega uma hora em que você não aguenta mais. Eu acabei explodindo!”

Vemos, portanto, a relevância de se descrever o uso das formas e dos pronomes de tratamento no português do Brasil, mostrando a influência dos fatores culturais e sociais na determinação de nossas escolhas. Sendo assim, o presente trabalho orienta-se para o estudo dos pronomes de tratamento *o senhor/a senhora* e *você*, utilizados como segunda pessoa no português do Brasil.

## 1.1 Justificativa

Devido às particularidades anteriormente mencionadas, podemos concluir que escolher o tratamento adequado a cada indivíduo em meio a tantas situações sociais não é tarefa simples, requer perceber as sutilezas que o processo envolve, sem falar nas flutuações de uso que inevitavelmente acabam surgindo e confundem ainda mais os aprendizes estrangeiros. E como solucionar este problema? Como os aprendizes estrangeiros podem esclarecer suas dúvidas? Temos no Brasil obras que deem conta de tantas sutilezas? O que informa a literatura estrangeira quanto ao tema?

Ao fazermos um levantamento em gramáticas tradicionais de língua portuguesa (Bechara, 1999; Cunha & Cintra, 2007; Rocha Lima, 2005; Neves, 2000), em materiais didáticos de português para estrangeiros editados no Brasil e utilizados dentro e fora do país (Laroca et al., 2003; Lima & Iunes, 1999; Lima et al., 2008; Patrocínio & Coudry, 2007; Ponce et al., 2008), todos com a proposta de ensinar a língua em situações reais de uso, abrangendo aspectos formais e coloquiais, e em obras sobre cultura brasileira e português brasileiro em língua inglesa (Rodrigues et al., 1992; Branco & Williams, 2008; Thomas, 1987), concluímos que não há um tratamento minucioso e/ou atualizado do assunto. Portanto, é preciso que os professores de PL2-E façam sua contribuição, engajando-se na análise e descrição de todo e qualquer assunto que ainda não tenha recebido a atenção merecida e necessária.

Em decorrência do cenário exposto até aqui, ou seja, da complexidade que envolve a utilização das formas e dos pronomes de tratamento, somada à carência de informações mais detalhadas sobre o tema, optamos por um trabalho que

contemplasse parte desse assunto. Essa foi nossa motivação inicial. Entretanto, é importante esclarecermos o porquê de nossa motivação por apenas parte do assunto: devido ao tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa como um todo e à extensão que julgamos ser conveniente para uma dissertação de mestrado, consideramos mais apropriado escolher somente dois pronomes de tratamento.

E o que motivou a decisão de optar por *o senhor/a senhora* e *você*?

“Quando eu uso *você* e quando eu uso *o senhor*?”, “Por que me chamaram de *senhor* se eu só tenho vinte anos?”, “Quem eu devo tratar como *o senhor*?” e “Por que algumas pessoas chamam o porteiro do prédio de *você* e outras de *o senhor*?” foram algumas das perguntas que ouvimos de alunos de diferentes nacionalidades com mais frequência ao ministrar aulas do curso de PL2-E da PUC-Rio, motivando a escolha desses dois pronomes de tratamento.

## 1.2 Problema

O uso dos pronomes de tratamento *o senhor/a senhora* e *você* é relativamente complexo para um estrangeiro, pois nossas escolhas são influenciadas, e por que não dizer determinadas, por padrões brasileiros de interação social observáveis sob diferentes aspectos. Nem todo brasileiro tem facilidade em decidir quando e com quem usar *o senhor/a senhora* ao invés de *você* e vice-versa. Não são apenas fatores tais como sexo, faixa etária e hierarquia que determinam a escolha por um ou outro pronome, mas um sistema complexo que envolve a questão da proximidade/distanciamento, aspectos referentes à informalidade/formalidade das interações e o contexto.

### 1.3 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é apresentar e descrever os usos dos pronomes de tratamento *o senhor/a senhora* e *você* no português brasileiro em diferentes situações do dia-a-dia. Para tal, entrevistaremos informantes de ambos os sexos e diferentes idades na cidade do Rio de Janeiro. As perguntas que compõem a entrevista foram elaboradas, principalmente, com base nos contextos de interação evidenciados por Meyer (2004) em seu artigo *Should I call you a senhora, você or tu? – Dificuldades interacionais de falantes de inglês aprendizes do português do Brasil*, publicado na edição de número 13 da Revista Palavra, do programa de pós-graduação do Departamento de Letras da PUC-Rio.

A partir de nosso objetivo geral, formulamos os seguintes objetivos específicos:

- (1) identificar e analisar os fatores sócio-culturais envolvidos na escolha de cada um destes pronomes de tratamento;
- (2) identificar os contextos que condicionam as escolhas dos informantes;
- (3) verificar a possibilidade de uma negociação de tratamento e como ela acontece.

### 1.4 Hipóteses

Os dados da entrevista elaborada para a realização desta pesquisa poderão nos mostrar que a escolha por um ou outro pronome de tratamento está condicionada a normas sociais de comportamento por um lado e a relações estabelecidas pelos próprios interactantes por outro.

Acreditamos que há uma inclinação para se estabelecer afetividade ao longo de sucessivas interações e, conseqüentemente, proximidade nas relações pessoais, o que resultará na preferência pelo pronome *você* na maioria dos casos.

## 1.5 Organização do trabalho

Este trabalho se divide em cinco partes. A primeira é uma introdução ao estudo sobre os pronomes de tratamento no português brasileiro em que justificamos a realização deste trabalho, expomos o problema que o assunto envolve, seguido dos objetivos e hipóteses.

Iniciaremos a segunda parte com uma revisão de literatura sobre o tema. Em seguida, apresentaremos os pressupostos teóricos selecionados para nos embasar, incluindo conceitos fundamentais da Sociolinguística Interacional, da Antropologia Cultural e do Interculturalismo. Da Sociolinguística Interacional, versaremos sobre os conceitos de *face* (Goffman, 1967) e estratégias de polidez (Brown & Levinson, 1987), assim como a definição de contexto segundo alguns autores. Da Antropologia Cultural, apresentaremos a dicotomia casa/rua (DaMatta, 1997) e sua relevância para nosso tema. Finalmente, o Interculturalismo contribuirá para este trabalho com os conceitos de cultura (Scollon & Scollon, 2001), cultura subjetiva e cultura objetiva (Bennett, 1998), e comunicação de alto e baixo contexto (Hall, 1998).

Na terceira parte, encontraremos a metodologia adotada nesta pesquisa para a coleta de dados e os instrumentos empregados.

Na quarta parte, será apresentada a análise dos dados a partir dos objetivos anteriormente propostos.

Finalmente, a última parte refere-se às conclusões finais deste estudo como um todo, explicitando a relevância do assunto tratado para o ensino de PL2-E e a importância da realização de cada vez mais pesquisas sob uma perspectiva sócio-cultural.